

# A MULHER COMO O “OUTRO”: Existencialismo e transcendência

## WOMAN AS THE “OTHER”: Existentialism and transcendence

---

Karine Letícia Rangel

Centro Universitário Assis Gurgacz. Toledo, Paraná, Brasil. E-mail: Karineleticarangel@gmail.com.  
Orcid: 0009-0009-3545-7987

**Resumo:** Esse artigo aborda a visão de Simone de Beauvoir sobre como as ações sociais se perpetuam na sociedade, relacionando o existencialismo à transcendência da mulher. Analisa-se a questão biológica, psicanalítica e o materialismo histórico, compreendendo como esses discursos reforçam a imanência feminina. A pesquisa compara os três primeiros capítulos de *O Segundo Sexo* (1965), intitulados: “Os dados da biologia”, “O ponto de vista psicanalítico” e “O ponto de vista do materialismo histórico”. Os objetivos incluem apresentar o conceito de existencialismo em Beauvoir, descrever como se normalizam as ações humanas (medos, religiões, costumes) e relacionar as críticas à biologia, psicanálise e materialismo histórico com o existencialismo. Questiona-se: como o existencialismo pode auxiliar na transcendência da mulher? Conclui-se que tais concepções contribuem para a imanência da mulher, enquanto o existencialismo oferece um caminho de redescoberta e superação. Por fim, aborda-se a crítica à moral utilitarista, que define o ser humano pelo fim de suas ações. A pesquisa de caráter qualitativo, baseia-se em revisão bibliográfica.

**Palavras-chave:** Simone de Beauvoir. Existencialismo. Transcendência. Imanência. Feminismo.

**Abstract:** This article addresses Simone de Beauvoir’s view on how social actions are perpetuated in society, relating existentialism to the transcendence of women. It analyzes the biological, psychoanalytical, and historical materialist perspectives to understand how these discourses reinforce female immanence. The research compares the first three chapters of *The Second Sex* (1965), titled: *Biological Data*, *The Psychoanalytical Point of View*, and *The Historical Materialist Point of View*. The study’s objectives include presenting Beauvoir’s concept of existentialism, describing how human actions – such as fears, religions, and customs – are normalized, and relating the critiques of biology, psychoanalysis, and historical materialism to existentialist thought. The central question is: how can existentialism assist in the transcendence of women? It is concluded that such conceptions contribute to the condition of immanence, while existentialism offers a path for rediscovery and overcoming. Finally, the article addresses the existentialist critique of utilitarian morality, which defines human beings by the ends of their actions. The qualitative research is based on bibliographic review.

**Keywords:** Simone de Beauvoir. Existentialism. Transcendence. Immanence. Feminism.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo visa estabelecer uma relação entre as duas obras da filósofa e escritora Simone de Beauvoir, sendo elas *O Segundo Sexo* (1970) e *O Existencialismo e a sabedoria das nações* (1965). Busca-se, assim, uma compreensão de como a visão existencialista pode auxiliar a mulher em seu processo de transcendência. Para isso, objetiva-se demonstrar a maneira como três áreas do conhecimento implicam na imanência da mulher: 1) a biologia; 2) a psicanálise; 3) o materialismo histórico. Esta fundamentação crítica está centrada nos primeiros capítulos de *O Segundo Sexo*. Em contraste ao exposto, veremos como a concepção existencialista de Simone de Beauvoir possibilita uma visão transcendente da mulher. A metodologia é de revisão bibliográfica qualitativa. Conclui-se que o existencialismo é um dos caminhos de libertação da imanência.

Tal tema se justifica porque a primeira constitui uma obra monumental e de tamanha fundamentação para o pensamento da autora. Já a segunda trata de um ensaio, com uma linguagem mais acessível e com um menor teor sistemático, para abordar as questões do existencialismo. O que se pretende demonstrar neste artigo são as relações possíveis de serem observáveis e demonstradas nestas obras supracitadas, com a finalidade de facilitar o leitor a se situar no universo conceitual da autora e poder mostrar que sua problemática transcende uma época e os breves quatro anos que separam uma publicação da outra. Simone de Beauvoir traz em suas duas obras *O existencialismo e a sabedoria das nações* (1965), e *O segundo sexo* (1970), certa visão filosófica da humanidade: o existencialismo, sobrepondo interpretações, que mesmo existentes e decorrentes no cotidiano da sociedade, não estão de certa forma clara para a população, pode-se observar como exemplo, a forma normalizada sobre o tratamento oferecido as mulheres na sociedade atual e a forma de normalizar certas ações humanas e embelezá-las através de suas ações sociais.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO METODOLÓGICA

Este artigo científico apresenta uma análise multidisciplinar sobre a construção da subjetividade feminina, com base em cinco eixos principais. O primeiro capítulo explora como a biologia e os padrões sociais influenciam essa construção, destacando a interação entre corpo e cultura na formação da identidade da mulher. O segundo aborda a contribuição da psicanálise para a imanência feminina, analisando como essa perspectiva reforça a permanência de certos papéis e características associadas à mulher. O terceiro capítulo investiga o materialismo histórico, sugerindo como as condições materiais e históricas moldam as experiências femininas. O quarto

discute o existencialismo e a sabedoria das nações, conectando essas tradições filosóficas às questões de identidade e significado. Finalmente, o quinto capítulo aborda como o existencialismo pode contribuir para a transcendência da mulher imanente, analisando possibilidades de superação e transformação da subjetividade feminina.

## **BIOLOGIA E PADRÕES SOCIAIS: CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE BIOCOSIOLÓGICA DA MULHER**

Segundo Simone de Beauvoir (1970, p. 25) as pessoas resumem a mulher em uma fórmula simples como por exemplo em uma matriz, um “Outro”, uma fêmea, e isso basta para defini-la. Por consequência dessas definições, a mulher é subjetivada e acaba por não se ver como um ser livre em sua existência, o que aponta como a mulher é diminuída e submetida a padrões e lugares sociais.

Heuser e Salles (2020, p. 94) mencionam que segundo Simone de Beauvoir um sujeito só é capaz de se reconhecer no mundo se possuir liberdade, mas que, no entanto, essa liberdade foi negada a mulher. Elas demonstram como os padrões e as regras influenciam para que ela se torne imanente, ou seja, um ser que não transcende sua existência, mas que faz com que ela permaneça onde ela está, da maneira como os outros a descrevem.

A criação masculina do conceito de mulher é um ato não autônomo, ou seja, ele perpassa décadas de concepções que são inferidas da sociedade e enraizadas na cultura. A mulher não é em si, pois não é um ser que se sobrepõe e controla as suas vontades e decisões, ela é submissa as decisões e ideias que são inferidas a si mesma.

A biologia da mulher é definida como um constituinte para a sua opressão. O que demonstra que ela infere a mulher uma imagem de inferioridade, restringindo-a a suas características biológicas. A biologia é utilizada como base para a legitimação da opressão da mulher. É como se os homens definissem a mulher e impedissem o seu processo de reinvenção, ou libertação, como expressa Djamila Ribeiro (2013, p. 503): “a mulher é isso e não há nada que se possa fazer”.

A mulher colocada como o “Outro” não é uma condição determinada pela natureza, mas a cultura define a experiência da mulher desse modo (Cyfer, 2015, p. 60). Logo, ela nunca constituiu sua condição de libertação, a qual lhe possibilitaria fazer-se sujeito de sua existência e não objeto de uma existência alheia. Em decorrência disso, a existência da mulher sempre esteve na condição de “Outro”, de objeto propriamente dito (Heuser; Salles, 2020, p. 94). Beauvoir aponta como a Biologia, a partir da descrição do corpo feminino, bem como seus caracteres naturais contribuem para que ela permaneça nesse ponto onde se encontra na sociedade. Heuser e Salles descrevem:

“Da puberdade a menopausa, o corpo da mulher adapta-se às necessidades da espécie, do próprio óvulo, e nunca dela mesma” (Heuser; Salles, 2020, p. 99). Ou seja, que durante a sua vida, a mulher não se torna livre para si mesma, mas é subordinada às necessidades apresentadas pelo seu corpo e sua necessidade de adaptação. Pela maneira como a biologia descreve seus órgãos pertencentes ao sexo feminino é restringida ao seu papel de fêmea, enquadrando-lhe a um papel de reprodução da espécie, encaixando-a em regras estabelecidas para si, pelo fato de ser quem é. Beauvoir demonstra, então, como os seus componentes biológicos acarretam para a sua subjetividade social, ela é em si - pois ela se adequa às necessidades do seu corpo - mas nunca para si, pelo motivo de não viver somente para ela mesma, mas ser restringida aos seus componentes biológicos. Tal como afirmam Heuser e Salles na citação: “A mulher é em si, mas nunca para si, pois ela mesma nunca se reconheceu como mulher tomando-se como referência, nunca se autodeterminou, uma vez que o homem sempre foi, para ela, referência” (Heuser; Salles, 2020, p. 94).

Beauvoir menciona que a mulher nasce em uma sociedade dominada por homens, que eles não consideram a mulher como um ser igualitário, mas como um ser inferior, denominada por eles como o “Outro”. A mulher é vista como o “Outro” pelo homem no qual se intitularia de “Um”, pelo fato de não ser interpretada ou que se vê ou se olha como referência, ser alguém que não transcende, um ser imanente e sem liberdade. Assim como aponta Beauvoir (1970, p. 12), “O ‘Outro’ é assim intitulado e definido pelo ‘Um’”. Então a intitulação de “Outro” é colocada na mulher pelo “Um” que seria o homem. Essa denominação significa uma forma de caracterização da mulher como um ser em segundo plano, alguém sem importância, que é menor ao ser comparada a ele. O título de “Um” significa uma espécie de ser importante, alguém que é digno de ser uma referência e que acaba por exercer uma dominância sobre a pessoa na qual é colocada em segunda posição. Beauvoir descreve que o opressor que exerce sua dominância sobre as mulheres não seria tão forte se os oprimidos, que seriam as mulheres neste caso, compactuassem e corroborassem com eles. Ou seja, Beauvoir cita que algumas mulheres são cúmplices, auxiliam, para que a sua opressão exista, que compactuam de certa forma, com essa dominância masculina sobre a sua espécie.

Entretanto, não são somente essas bases biológicas que contribuem para essa posição na qual a mulher é vista e inserida socialmente. Beauvoir (1970) aponta que as bases e fontes históricas contribuem para a maneira em que a mulher é vista e subjugada socialmente. Ela é e sempre foi colocada como “Outro”, não somente pelos homens, mas também por elas mesmas. Pois ainda no século XX, existem pessoas, tanto homens quanto as próprias mulheres, excluídas de eventos, regras, condições sociais por serem quem são, por terem ou possuírem uma estrutura biológica feminina.

Essa carga ou visão social é perpassada ainda no século XX até os dias atuais, restringido a mulher a um papel onde deva representar um modelo, uma boa conduta e ações cordiais. Por serem mulheres, sua biologia e por consequência sua cultura exigem e cobram que suas tomadas de decisões sejam em conforme a sua relação submissa social. Essa cultura carregada por épocas históricas, continua com ecos no presente, pelo fato de definirem e delimitarem padrões e regras nas quais as mulheres devem seguir. A mulher ao se calar, ao se submeter a essas regras, essas imposições, acaba por aceitar o que é lhe imposto. A filósofa, na segunda parte de sua obra, possui uma frase que menciona: “Ninguém nasce mulher, se torna mulher” (Beauvoir, 1970, p. 9), pelo fato de que a mulher ao se impor, ao não aceitar essa condição que lhe é imposta justamente por ser quem é, por possuir certa condição tanto física ou biológica, consiga se libertar dessas amarras que a prendem e restringem. Faz-se necessário enxergar a posição em que se está inserida e conseguir agir para que isso mude, para que ela consiga transcender, ter-se como referência, não ser colocada somente como o “Outro”, mas que ela possa e consiga se ver como o “Um”. Contudo, a biologia e os padrões sociais contribuem para a imanência da mulher, pois a biologia restringe a mulher ao seu corpo, e a sociedade contribui encaixando-a em padrões e regras estipuladas para a mulher. Fazendo com que ela não transcenda, permanecendo imanente e, assim, sendo diminuída e colocada como o “Outro” pelo homem. Passamos a investigação da psicanálise com o objetivo de conferir se o seu modo de operar o conceito mulher é análogo e, portanto, imanente, à maneira da biologia.

## COMO A VISÃO PSICANALÍTICA CONTRIBUI PARA A IMANÊNCIA DA MULHER

Beauvoir (1970) analisa a visão psicanalítica sobre a mulher, para tal explicita a teoria de Freud sobre o prazer feminino. Freud desenvolve uma teoria sobre dois complexos que perpassa pelo desenvolvimento da infância e que acarreta consequências para a vida adulta. Esses complexos são chamados de Édipo<sup>1</sup> e Electra<sup>2</sup>. O nome dado a esses complexos é baseado em literaturas clássicas: as tragédias de Sófocles na antiguidade, como *Édipo Rei*<sup>3</sup> (1992), e Electra (2001) que era filha de Agamênom um dos heróis da *Iliada* de Homero.

---

<sup>1</sup> Se o homem acaba por não superar o complexo de Édipo, em sua adolescência, quando cresce, por não ter tido um “amadurecimento” de suas emoções, acaba por iniciar uma disputa com os outros homens, por uma mulher que se assemelhe a sua mãe. E a menina que acaba também por não superar o complexo de Electra, acaba por disputar com outras meninas, um menino que se assemelhe ao seu pai, o nome dado ao complexo refere-se a Édipo Rei, que na história matou seu pai e desposou sua mãe.

<sup>2</sup> Referência a Electra, Filha de Agamenon, um dos heróis da *Iliada*. Em que ela junto com seu irmão, decide vingar a morte de seu pai, matando sua mãe.

O complexo de Édipo seria a disputa do filho com o pai, pela atenção de sua mãe, e o de Electra, a disputa da filha com sua mãe pela atenção de seu pai, só que o que difere um complexo do “Outro”, é que quando pequena, a filha tende a ter uma relação afetiva com a mãe, entretanto assim que vai crescendo isso muda, e inicia-se uma disputa (Beauvoir, 1970). Na visão de Beauvoir Freud comentaria que a não superação desses complexos durante a infância ou adolescência pode acarretar problemas durante a fase de desenvolvimento.

Beauvoir demonstra que Freud baseia a sua análise do prazer feminino sobre o prazer masculino “Freud não se preocupou muito com o destino da mulher; é claro que calculou a descrição do destino feminino sobre o masculino, restringindo-se a modificar alguns traços” (Beauvoir, 1970, p. 60). Demonstrando como a mulher não é uma referência em si, mas que tem como modelo o homem. Pois Freud, para criar o complexo de Electra se baseia primeiramente no complexo de Édipo, demonstrando como o prazer masculino foi uma base para o estudo e a estipulação do modelo do prazer feminino. Simone de Beauvoir (1970, p.64) aponta que a inferioridade da mulher ocorre porque ela se restringe envergonha de sua feminilidade e acaba por desejar o que o homem consegue pelo simples fato de ser quem é.

Segundo Warmling, Coelho e Lopes (2022, p.7) Beauvoir é um importante marco da literatura feminista contra a supervalorização dos símbolos fálicos que enquadram a mulher como um ser inessencial. Ou seja, Beauvoir demonstra como o homem com seu poder e sua supervalorização social, menospreza a mulher e o seu ser. E apontando como o símbolo do “ser homem” é algo forte e muito influente. Eles apontam que para Beauvoir, o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação em que ela ocupa no mundo, mas que diferentemente de Freud, o corpo a coloca em uma posição secundária.

Contudo essa visão psicanalítica contribui para a imanência da mulher, pelo fato de basear-se o prazer da mulher no do homem, não realizando um estudo próprio referente ao seu gênero, mas utilizando o estudo do sexo masculino como base, colocando a mulher como um segundo ser. Portanto, o que se apresenta a partir deste texto é a maneira como áreas do conhecimento podem e repercutem a estrutura de dominação do homem sobre a mulher. A biologia por reduzir a mulher à fêmea e a psicanálise por utilizar o modelo edipiano como analogia para o modelo de Electra. Em ambas as áreas se percebe uma relação de poder de submissão da mulher ao tipo masculino. Cabe às mulheres encontrarem meios e formas de resistir a estrutura machista, de criarem-se a si mesmas e se tornarem transcendententes.

Dessarte, verificamos que psicanálise e biologia são áreas do saber que contribuem para a noção de submissão da mulher ao homem. Verificamos nesta próxima etapa como a mulher é fundamentada no Materialismo Histórico.

## O MATERIALISMO HISTÓRICO E SUA VISÃO SOBRE A MULHER

Beauvoir (1970) cita que a mulher não pode ser considerada somente um organismo sexuado, pois entre os dados referentes a biologia, só importam os que assumem na ação um valor concreto e a consciência que a mulher adquire de si mesma não se define apenas por sua sexualidade. Beauvoir (1970, p.73) menciona que a mulher reflete a situação econômica de seu tempo e que essa estrutura econômica revela o grau de evolução social. Biologicamente os dois traços que representam a mulher são o seu domínio sobre o mundo que é inferior ao do homem e que ela é mais restringida à sua espécie, mas demonstra-se que esses fatos podem se diferenciar segundo o seu contexto econômico e social.

Durante a história, na época em que a força era algo necessário, a mulher mostrava-se ser inferior ao homem nesse quesito. Entretanto, com a criação das máquinas essa diferença não se tornou mais tão importante, pois facilitou a inserção da mulher no mundo do trabalho. Porém, essa força referente aos cuidados maternos, assume uma importante variável, como se a mulher que possui muitos filhos e que acaba por alimentar e cuidar deles sem ajuda, obtém-se uma grande responsabilidade e dificilmente recebe algum auxílio, mas se procria livremente, e a sociedade a ajuda, e suas responsabilidades maternas são “leves”, ela pode concentrar seus esforços no trabalho. Beauvoir (1970, p. 74) cita fundamentalmente Engels como seu interlocutor. Sua análise se concentra na perspectiva da mulher na obra *A Origem Da Família*. É demonstrado que na idade da pedra, os serviços entre homem e mulher eram divididos de forma igualitária, ou seja, mesmo que enquanto o homem sobrevivia da caça e da pesca e a mulher permanecia no lar, ainda assim, ela realiza tarefas domésticas de cunho produtivo, como a fabricação de vasilhames, tecelagem, jardinagem e entre outros, e com isso, acaba por desempenhar um papel de destaque na vida econômica. Entretanto, com a descoberta do cobre, estanho, bronze e ferro, a agricultura passa por uma expansão e exige-se um maior esforço para que seja possível desbravar as florestas e tornar os campos produtivos, então o homem acaba por recorrer ao serviço de outros homens exigindo-se assim um trabalho intensivo, o que acaba por produzir a escravidão. É neste contexto que a propriedade privada surge, juntamente com os senhores de escravos e da terra, e logo, o homem torna-se também, proprietário da mulher. Nisso então, consiste “a grande derrota histórica do sexo feminino” (Beauvoir, 1970, p.74)

Com as mudanças ocorridas, a mulher acaba por perder sua autoridade em seu lar e o homem torna-se autoridade. O que antes se perpassava de mulher para seu clã, agora é repassado de pai para filho. Com o surgimento da propriedade privada e com ela a família patriarcal, a mulher torna-se então oprimida. Beauvoir (1970, p. 75) menciona que a igualdade e justiça só irá acontecer

quando a mulher se tornar presente na vida pública, ou seja, ela ganhará a sua força, quando ela for solicitada para participar da produção e não mais pelo trabalho doméstico: a igualdade só se poderá restabelecer quando os dois sexos tiverem direitos juridicamente iguais, mas essa libertação exige a entrada de todo o sexo feminino na atividade pública. A emancipação da mulher só será alcançada quando ela puder participar amplamente na produção social, sem ser sobrecarregada pelas tarefas domésticas, que deverão ser reduzidas a uma atividade mínima. Isso se tornou viável apenas com o surgimento da grande indústria moderna, que não apenas permite, mas também demanda formalmente a inserção massiva da mulher no mercado de trabalho (Engels *apud* Beauvoir, 1970, p. 75)

Beauvoir (1970, p. 76) menciona que o laço de interesse que prende o homem é a propriedade, ou seja, ela tece uma crítica sobre a concepção de Engels. Menciona que os problemas mais importantes ali foram escondidos e que o estopim da história se deu a partir da passagem do regime comunitário para o privado. Ela indaga que Engels afirma, sem discutir, que o homem se prende ao seu interesse a propriedade, mas não demonstra em nenhum momento em que ou quando se inicia. Menciona, ainda, que as pesquisas são superficiais e que as verdades sobrepostas são variáveis e se torna impossível aprofundá-las sem sair fora do materialismo histórico. Beauvoir pensa que o materialismo histórico é um limitador e que para explicar o interesse entre homem e propriedade é necessário extrapolar o materialismo histórico.

O homem com as mudanças e a sua ambição acaba por apreender a mulher em seu processo de enriquecimento e expansão, levando-a assim a sua ruína. A divisão dos trabalhos poderia ter sido realizada de forma justa e amigável, entretanto, se a relação do homem com seus semelhantes existisse com intenções amigáveis, a escravidão não existiria. Esse fenômeno é consequência da sobreposição da consciência humana que procura realizar de forma objetiva sua soberania. Se não houvesse nele a concepção do “Outro”, e a intenção de dominância sobre “O Outro”, a descoberta do bronze não acarretaria para a opressão feminina. Beauvoir afirma, “Engels não explica tampouco o caráter singular dessa opressão” (Beauvoir, 1970, p.78), ou seja, Engels menciona superficialmente sem destacar ou descrever sua origem. Ela relata também que ele tenta reduzir a oposição entre os sexos a um simples conflito de classes e que ele o fez sem muita convicção e que sua tese não é sustentável.

Beauvoir (1970, p.79) diz que a mulher é forçada, entre as leis, a parir. E que, mesmo essas leis não sendo explícitas, forçam e se impõem a mulher. Onde a maternidade se torna a única saída e em que as leis e os costumes lhe impõem o casamento, proíbem os anticoncepcionais, o aborto e o divórcio, forçando-lhe a uma realidade escolhida pela sociedade. A escolha que não lhe pertence. A mulher, principalmente dentro do casamento, é vista como uma posse, é observada

como um objeto sexual, uma reprodutora. O homem observa a mulher como o “Outro” através do qual ele busca a si mesmo. Beauvoir (1970, p. 80) recusa então a concepção sexual de Freud e a concepção econômica de Engels, pois entende que reivindicar seus direitos não significa deixar de observar a sua realidade e que a concepção sexual pode ser interpretada como um contexto viril e que, ainda, as concepções econômicas não são o suficiente para demonstrar uma “mulher concreta”.

Portanto, para entendermos a existência da mulher não recusaremos as suas bases biológicas ou as questões do materialismo histórico, mas considera-se que o corpo da mulher e a suas especificidades só se tornam importantes para os homens quando são inseridos dentro de sua existência ou se tornem relevantes para si.

## O EXISTENCIALISMO E A SABEDORIA DAS NAÇÕES

A obra de Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo*, é fundamental, pois traz a abordagem e o pensamento da autora sobre a mulher e a sua existência na sociedade. Já a segunda obra aborda uma linguagem para explicar a questão do existencialismo e demonstrar como ele pode contribuir para a transcendência da mulher.

Beauvoir em sua obra *O existencialismo e a sabedoria das nações* traz dois conceitos a serem debatidos: o existencialismo e o utilitarismo. Segundo John Stuart Mill (2000, p. 29) o utilitarismo seria o conceito de que o ser humano em sua existência busca sempre o prazer e vive em fuga da dor, ou seja, sempre está em busca de algo que lhe traga algum benefício, algo em troca e que tudo o que faz é com a intenção de que lhe seja prazeroso e não lhe cause dor, sempre está em uma situação que é confortável para si. Simone de Beauvoir descreve o utilitarismo da seguinte maneira: “Inventou-se o utilitarismo que permite conciliar a preocupação do bem público com uma concepção desiludida de natureza humana” (Beauvoir, 1965, p. 18).

Por outro lado, para Beauvoir (1965, p. 18) o conceito existencialista aborda a ideia de que o ser humano é livre para fazer suas escolhas e tomar suas decisões, ou seja, o indivíduo é responsável por construir a si mesmo, pois sua existência não é pré-determinada. Sobre a relação entre o existencialismo e o feminismo de Beauvoir, pergunta-se: como a filosofia existencial pode contribuir para a análise da mulher na sociedade? Quando Beauvoir menciona a questão da imanência da mulher perante a sociedade, encontra-se um motivo para que isso ocorra. Com a questão da padronização e normalização da cultura machista, em que a figura masculina é vista em diversas formas e lugares como superior a mulher, tendo a sociedade perpetuado tanto essa ideia que, mesmo presentes no âmbito atual, são consideradas normais. Demonstramos isso em

nossos tópicos anteriores a partir da visão biológica, psicanalítica e materialista histórica, uma explicação de todas as camadas de como se deve “ser mulher”, descrevendo os elementos impostos sobre elas e evidenciando como a mulher é diminuída objetivamente pelo homem e pela sociedade. Isso implica em uma postura na qual ela não se vê como um ser livre em sua existência, mas como alguém que deve permanecer em sua posição inicial, sem transcender. Portanto, a crítica de Beauvoir (1970) se concentra em que a humanidade é vista sob uma perspectiva masculina e o homem define a mulher em relação a ele, não como um ser independente e em si, mas subordinado à sua existência. Ela não é reconhecida como autônoma.

Cria-se, também, uma relação entre a religião e a imanência da mulher, pois há muito tempo a religião tem tido forte influência sobre como se é percebida a figura da mulher na sociedade, também influenciando o seu comportamento e a sua cultura, assim como a relação da visão do homem para a mulher, colocando-o sempre como superior. Pode-se citar como exemplo a questão da mulher e do homem perante a igreja, muitas vezes o homem é visto como uma figura de poder, respeito e a mulher sempre é denominada como a mulher de alguém, para que assim seja respeitada dentro daquela instituição religiosa.

A questão existencialista é mencionada no primeiro capítulo da obra *O existencialismo e a sabedoria das nações*, em que se menciona que essa é uma compreensão filosófica de que o indivíduo não possui uma essência, pré-determinada ou imposta para si, mas que é livre para se construir de acordo com sua decisão. O existencialismo é a liberdade de se autodeterminar, construir-se à sua maneira. Já a visão utilitarista, por outro lado, também mencionada no primeiro capítulo da obra, traz a concepção de que toda a realização do homem tem como intenção a fuga da dor ou a busca da satisfação dos prazeres, ou seja, toda a sua realização tem um fim, um interesse, ou tem como intenção fugir de algo que não é cômodo. O “eu” não existe, pois o que se considera ali é a autenticidade do sujeito, ou seja, o sujeito em um contexto geral, que se renova em sua existência, e que não se prende a definição de algo, mas que é livre por decidir o que escolher. O utilitarismo realiza a concepção do bem público com uma desiludida concepção da natureza humana, através de sua ideia sobre a fuga da dor e a busca do prazer.

De outra forma, Beauvoir defende que: “No existencialismo, pelo contrário, o eu não existe, eu existo como sujeito autêntico num brotar renovado sem cessar que se opõe à realidade fixa das coisas” (Beauvoir, 1965, p. 33). Portanto, na base da concepção existencialista já está descrito que todo sujeito é autêntico em si mesmo. Sua tendência só pode ser a liberdade de criar-se a si mesmo. Perguntávamos sobre a influência do existencialismo no processo de transcendência da mulher. Demonstra-se nessas duas obras que por mais que existam camadas que são sobrepostas a mulher, visões e culturas de diminuição e submissão perante a sociedade, ainda assim a mulher

possui a sua existência tal como o homem, e pode sim se determinar e criar a sua própria realidade – portanto pode e deve se tornar transcendente, visto que existencialmente já é essa possibilidade. Assim o conceito biológico, as características do materialismo histórico, pode acabar por levar a mulher a sua imanência, entretanto, o existencialismo irá auxiliar a mulher no processo de transcendência, levando-a através do caminho e de escolhas e possibilidades sobre o seu próprio ser.

A filósofa traz em sua obra *O existencialismo e a sabedoria das nações* uma visão sobre o conceito de utilitarismo – objeto de nosso capítulo anterior - que seria a forma sobre como os seres humanos “embelezam” a sua realidade, através de filmes, artes, músicas. Resulta-se em acostumar-se aos padrões que normalmente estão enraizados na sociedade antiga e atual. Ela descreve como o egoísmo e o narcisismo do homem o impedem de enxergar a realidade que está à frente de seus olhos, demonstra como o sadismo humano procura uma recompensa, algo que lhe beneficie por seus “bons” atos, descreve como o ser humano busca pela fuga do que lhe causa dor, e está sempre em busca do prazer. Pode-se compreender melhor nas citações abaixo:

Poderia julgar-se que repugna sempre aos homens encarar as suas fraquezas, e que pedem as belas artes para lhe apresentar, deles mesmos, um retrato retocado e embelezado. [...] Nos jornais humorísticos, nas canções, nas histórias consideradas engraçadas, nas caricaturas, nas comédias, nos romances de que dizem com admiração: << Como é verdadeiro! Como é humano! >>, as pessoas aceitam ver-se descritas como luxuriosas, egoístas, fracas, hipócritas, vaidosas. E, se apressam a rir de um tal retrato, talvez seja por receio de serem obrigadas a chorar: o facto é que riem. Uma tal resignação não é, na realidade, uma forma vergonhosa de desespero? (Beauvoir, 1965, p. 16-20).

A partir da problemática apresentada sobre as ocorrências que acarretam a não transcendência da mulher objetiva-se estabelecer uma relação em sua obra *O Existencialismo e a Sabedoria das Nações* com os primeiros capítulos da obra *O Segundo Sexo*. Quando a filósofa cita sobre a imanência da mulher socialmente (Beauvoir, 1970, p. 23), que seria o ato de subjetivar a mulher, colocando-a como menos, como um segundo ser se comparada ao homem, certamente há um motivo para essa ocorrência, no qual seriam: o costume, a normalização e padronização da cultura machista, em que o homem é colocado como superior à mulher em vários quesitos. A não superação dessa imanência seria porque não há “motivo” para isso, pois a mulher é envolvida e convive com essas atitudes sociais há tanto tempo, que acaba por se tornar normal tais ações, pois a sociedade já está tão acostumada com essa imagem da mulher, que os padrões e regras sociais ali presentes já não os incomodam mais, se torna costumeiro que esses tais atos subjetivos inferidos ao sexo feminino sejam comuns.

Beauvoir cita, em sua obra sobre existencialismo, que a igreja é um fator que influencia o humano ao exigir que haja um padrão de comportamento. Portanto, muitos se afirmam “bons”, “virtuosos” para que no fim, seu benefício seja o céu, caso contrário, se há um comportamento ruim, seu castigo seria o inferno. Menciona que o ser humano acredita que suas ações execráveis se tornam dignas de perdão e que, por mais que sejam odiosas, não trarão consequência se houver certo “arrependimento” dentro de sua fé. De certa forma, indaga-se, que a religião é uma espécie de “freio” para os humanos, pois, caso não existisse, cria-se a questão, se eles realmente se comportariam de acordo com a norma, o padrão, sem benefício algum no final. Assim como é descrito na citação abaixo: “O homem aparece-lhes como um ser bestial cujos apetites grosseiros levariam aos piores excessos se o receio do inferno e da sociedade não lhes pusesse freio” (Beauvoir, 1970, p. 16)

Há uma relação entre as duas obras nesta ocasião também, pois é claro de certa forma, que desde muito tempo a religião tem sido uma forte influência para a visão da mulher socialmente, pois a séculos as leis mais rigorosas são aplicadas as mulheres, leis longas, e que caso sejam descumpridas, tornam a imagem da mulher como um ser indigno, um ser “horrível”. Pois, é demonstrado padrões de comportamento que a tornam como “pura”, uma “boa moça”, na visão dos homens, e essas visões predominam até hoje, pois estão padronizadas na sociedade.

Na visão de Beauvoir (1965, p. 18) os autores La Rochefoucauld, La Fontaine, Saint-Simon, Chamfort, Maupassant mencionam que o coração do homem é um mecanismo grosseiro, cuja única mola é o interesse. E que os homens, ao invés de se indignarem com esta afirmação, a tomaram para si. Porque, na realidade, em muitos aspectos, a humanidade realiza ações com um interesse por trás, até mesmo na fé existe esse interesse, sendo bom, para que no fim, haja um lugar “bom” para o descanso eterno. A mola do coração humano se torna o interesse pelo motivo de que o homem sempre busca aquilo que lhe traga recompensas, sempre com um olhar narcisista para consigo mesmo.

Beauvoir traz o conceito de existencialismo como uma forma de combater o utilitarismo e auxiliar na transcendência da mulher, que seria o fato de que a mulher consiga se encontrar como um exemplo em si mesmo, no seu próprio ser. Não permanecendo imanente ou seja, permanecer no mesmo lugar em que sempre se encontrou. E que independentemente das regras e padrões e a sua biologia que lhe são impostos, ela possui a sua existência, logo, se torna um ser livre para tomar suas próprias decisões. Portanto, além dos homens e da religião, campos científicos também auxiliam a perpetuar a imanência da mulher.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, conclui-se que o existencialismo pode auxiliar na transcendência da mulher pois pode lhe possibilitar fazer escolhas a partir de sua vivência pessoal e social, promovendo um novo olhar para a sua realidade. E demonstra que por mais que a mulher esteja rodeada pelos padrões socioculturais e que a sua biologia possa acarretar-lhe para uma certa escolha, ela é um ser e, por isso, possui a possibilidade de escolher. Desse modo, explica-se a famosa frase que abre o segundo volume de *O Segundo Sexo*, “não se nasce mulher, torna-se mulher”, visto que o tornar-se mulher é acometido pelas maneiras como a sociedade masculina se utiliza das instituições e disciplinas para tornar a mulher imanente. Todavia, há caminhos e formas para a libertação. Buscou-se demonstrar que a postura existencialista ao criticar o caminho utilitarista proposto e fundamentar a noção de sujeito em uma postura existencial livre e autônoma, torna-se um caminho para a transcendência da mulher.

## REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BEUVOIR, Simone de. *O existencialismo e a sabedoria das nações*. Lisboa: Minotauro, 1965.
- CYFER, Ingrid. Afinal, o que é uma mulher? Simone de Beauvoir e “a questão do sujeito” na teoria crítica feminista. *Lua Nova*. São Paulo, 94:, p. 41-77, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-64452015009400003>.
- HEUSER, Ester Maria Dreher; SALLES, Rafaela Ortiz de. Mulher, O Outro: Seu corpo e seus constituintes biológicos, segundo Simone de Beauvoir. *Auflärung: Journal of Philosophy*, 7(2), p. 93-108, 2020.
- RIBEIRO, Djamila. Para Além da Biologia: Beauvoir e a refutação do sexismo biológico. *Sapere Aude*, Belo Horizonte, v.4, n.7, p. 506-509, 1º sem., 2013.
- SÓFLOCLES. *Édipo Rei*. Tradução de Mário da Gama Kury. 2 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1992.
- SÓFOCLES. *Electra*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- WARMLING, Diego Luiz; COELHO, Mateus; LOPES, Paula Helena. Beauvoir e a crítica à supervalorização masculina na psicanálise freudiana. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 30, n. 2, e77256, 2022.

---

**Recebido em:** 05/03/2025.

**Aprovado em:** 11/06/2025.